

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

Juliana Cristina Elias

Sociopatas ou Psicopatas? Análise de casos.

Juiz de Fora
2019

Juliana Cristina Elias

Sociopatas ou Psicopatas? Análise de casos.

Trabalho apresentado ao curso de graduação em Direito da Universidade Federal de Juiz de fora, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Direito.

Orientador: Dr. Luiz Antônio Barroso Rodrigues.

**Juiz de Fora
2019**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Elias, Juliana Cristina.

Sociopatas ou Psicopatas? Análise de casos. / Juliana Cristina

Elias. -- 2019.

57 p.

Orientador: Luiz Antônio Luiz Antônio

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Direito, 2019.

1. Sociopatia. 2. Psicopatia. 3. Serial Killers. I. Luiz Antônio, Luiz Antônio, orient. II. Título.

Imprimir na parte inferior, no verso da folha de rosto a ficha disponível em:

<http://www.ufjf.br/biblioteca/servicos/usando-a-ficha-catalografica/>

Juliana Cristina Elias

Sociopatas ou Psicopatas? Análise de casos.

Trabalho apresentado ao curso de graduação em Direito da Universidade Federal de Juiz de fora, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Direito.

Aprovada em 26 de junho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Dr. Luiz Antônio Barroso Rodrigues - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Abdala Daniel Curi.
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. João Beccon de Almeida Neto
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a minha mãe, Adriana Elias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, especialmente: a Deus, a quem devo minha vida. A minha mãe que sempre me apoiou incondicionalmente nos estudos e na vida, não existindo palavras suficientes para demonstrar o meu amor e gratidão por todos os sacrifícios que fez ao longo da vida para que esse dia chegasse. A minha tia Juliana que sempre me incentivou, mesmo de longe. Ao Lucas, por sua compreensão nos momentos difíceis. Ao professor Luiz Antônio Barroso Rodrigues pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

“A verdade raramente é pura e nunca simples.” Oscar Wilde

RESUMO

Para a realização do presente trabalho foram realizados estudos acerca dos transtornos de personalidade sociopatia e psicopatia, da definição de (in)imputabilidade e do complexo conceito de serial killers, por meio da teoria do FBI, baseada nos pensamentos de Robert K. Ressler e John Douglas, complementando-a ainda com outras teorias. Por fim, foi realizado uma análise detalhada dos casos concretos de Edmund Kemper e Ted Bundy, possibilitando assim, concluir pela necessidade deste indivíduos serem considerados inimputáveis e receberem consequentemente medidas de segurança compatíveis com o perigo que representam para a sociedade, de modo a impedir possíveis novos crimes.

Palavras-chave: 1.Assassino em série. 2.Inimputabilidade. 3.Sociopatia. 4.Psicopatia

ABSTRACT

For the accomplishment of the present work, studies on the personality disorders sociopathy and psychopathy, the definition of (in) imputability and the complex concept of serial killers were made, through the FBI theory, based on the thoughts of Robert K. Ressler and John Douglas, complementing it with other theories. Finally, a detailed analysis of the concrete cases of Edmund Kemper and Ted Bundy was carried out, making it possible to conclude that these individuals should be considered unimputable and consequently should receive security measures compatible with the danger they represent to society, in order to prevent possible new crimes.

Keywords: 1.Serial Killer. 2. Imputability. 3.Sociopathy. 4.Psycopathy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2.OBJETIVOS	16
2.1.OBJETIVO GERAL	16
2.2. OBJETIVOS ESPECIFICOS	16
3. JUSTIFICATIVA	17
4. REFERENCIAL TEÓRICO	18
4.1. SERIAL KILLER: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....	18
4.1.1.Um problema mundial.....	20
4.1.2. O perfil dos assassinos em série e de suas vítimas.....	20
4.1.2.1. Assassinos em série.....	20
4.1.2.2. As vítimas.....	22
4.1.2.3. Fatores de risco.....	23
4.1.3. Tipologias.....	25
4.1.4.As diferentes fases do processo de assassinato.....	27
5. PSICOPATIA VERSUS SOCIOPATIA	30
6. A IMPUTABILIDADE E SUA APLICABILIDADE EM RELAÇÃO AO AO SERIAL KILLER.....	33
7. ANÁLISE DE CASOS	39
7.1. EDMUND KEMPER.....	39
7.2. TED BUNDY.....	52
8.CONCLUSÃO.....	59
9.BIBLIOGRAFIA.....	61

1. INTRODUÇÃO

Despertando medo, revolta, incompreensão, mas também fascínio e interesse, assassinos em série continuam a fazer manchetes e inspirar livros e filmes de sucesso. Afinal de contas quem nunca ouviu falar de serial killers por meio dos veículos de comunicação? Quem nunca leu um livro ou assistiu a um filme ou episódio de TV sobre esses criminosos? Atualmente, poucas pessoas podem responder a essas perguntas de forma negativa. De fato, perpetradores de múltiplos homicídios, são amplamente explorados pela mídia e pela ficção. Esses criminosos se tornaram onipresentes em nossa sociedade e se tornaram verdadeiras celebridades (Schmid, 2005).

De Jack, o Estripador, a Edmund Emil Kemper, tais criminosos parecem se multiplicar pelo mundo, assombrando e ameaçando a tranquilidade da população.

No início dos anos 80, os americanos formularam sua própria definição de serial killer. Ele é um assassino reincidente que por meses, se não por anos, mata com um certo intervalo de tempo, cometendo pelo menos três assassinatos. A especificidade deste tipo de assassino reside nesta vontade de cometer assassinatos o que o diferencia do assassino passional.

Existem 3 tipos bem diferenciados de assassinos: serial killer, assassino de massa e o assassino compulsivo. O primeiro é um psicopata são na aparência e muito bem organizado, enquanto os dois últimos, são considerados pela maioria como psicóticos.

O presente trabalho tem por escopo uma reflexão, por meio da análise aprofundada de dois casos concretos, a respeito dos notórios assassinos em série Ted Bundy e Edmund Kemper, para, se possível, responder ao final deste trabalho aos seguintes questionamentos: Estes indivíduos são sociopatas ou psicopatas? São estes capazes de responder juridicamente por seus terríveis atos ou ao contrário, são inimputáveis, devendo conseqüentemente receber tratamento e não punição?

Para tal, a fim de familiarizar o leitor com os principais conceitos teóricos inerentes a esta pesquisa, um primeira parte será dedicada a uma definição aprofundada de serial Killers seguida por uma definição e diferenciação dos termos sociopatia / psicopatia e inimputabilidade/ imputabilidade.

Logo após, será feita, individualmente, uma análise de casos dos assassinos em série Ted Bundy e Edmund Kemper, para em seguida tentar responder aos principais questionamentos do presente trabalho já expostos acima.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL

O presente trabalho tem por objetivo principal discutir, tendo por base a nossa legislação, jurisprudência, doutrina e análise de casos concretos, a possível imputabilidade/inimputabilidade do assassino em série, com especial enfoque a psicopatia e sociopatia, e conseqüentemente se crimes praticados por serial killers devem ter um enfoque diferenciado pela justiça ou não.

Para atingir tais objetivos a pesquisa levantará os seguintes questionamentos: Os assassinos em série se enquadram como imputáveis ou inimputáveis em virtude de suas possíveis condições psíquicas? Possuem esta a compreensão necessária para entender a gravidade de seus atos? Será o tratamento dado hoje a estes pelo nosso ordenamento brasileiro adequado?

Assim sendo, em um primeiro momento, estudaremos as definições pertinentes ao tema e necessárias para o início da pesquisa. Em seguida, analisaremos de modo aprofundado alguns casos emblemáticos de assassinos em série, buscando entender a relação entre o criminoso e seu crime, sua história de vida e de seus crimes, suas possíveis influências, o modo como o estado lidou com a sua punição/tratamento para no fim do trabalho podermos chegar a uma possível conclusão sobre a (in)imputabilidade desses sujeitos.

2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar dados históricos, conceitos e principais características dos assassinos em série.
- Definir o conceito de imputabilidade sob a luz da legislação brasileira.
- Analisar a aplicabilidade da imputabilidade em relação ao Serial Killer.
- Conceituar e diferenciar psicopatia e sociopatia.
- Descrever a história de vida, personalidade e punição dos dois assassinos em série objeto desta pesquisa.
- Apresentar uma conclusão acerca da (in)imputabilidade dos assassinos em série.

3. JUSTIFICATIVA

Diante do fato de que os assassinos em série são extremamente perigosos e que foram, e ainda são, responsáveis pela existência de inúmeras vítimas de seus abomináveis crimes e da incompreensão que cerca estes indivíduos, com dúvidas a respeito do porquê cometem tais atos e de como lidar com eles, tal pesquisa se faz importante no sentido de buscarmos pelo estudo uma tentativa de melhor interpretar estes criminosos.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1.SERIAL KILLERS: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Os assassinatos em série sempre existiram, como mostra o caso do infame assassino do Zodíaco na década de 60 ou a de Jack, o Estripador, responsável pelo assassinato de prostitutas na área de Whitechapel, durante o ano de 1888, em Londres, e cuja a identidade nunca foi revelada.

O crédito por cunhar a expressão "serial killer", é comumente atribuído ao então agente especial do Federal Bureau of Investigation (FBI) Robert Ressler, um dos membros fundadores da chamada Unidade de Ciência Comportamental, também conhecida como "Caçadores de Mentes" ou "Esquadrão Psíquico" (Schechter,2013, p.13).

De acordo com o Manual de Classificação de Crimes do FBI (2006): "o assassinato em série geralmente envolve "três ou mais vítimas. O que diferencia esta categoria das outras duas (Assassinos em massa e compulsivos) é a existência de um período de resfriamento emocional entre os homicídios".

Segundo Newton, o conceito do FBI dá causa a três entraves em seu conceito:

"Primeiro, temos o requisito de 'três ou mais' assassinatos para compor uma série bona fide. Infelizmente, as outras categorias 'oficiais' do FBI de assassinato - único, duplo, triplo, massa, e atividade de assassinato – não fazem nenhuma referência ao fato de o assassinato de apenas duas vítimas no requisitado período de 'resfriamento' entre os crimes e que é, então, preso antes de atingir o número três. O assassinato duplo, no linguajar do FBI, descreve duas vítimas assassinadas no mesmo tempo e lugar; atividade de assassinato, enquanto isso, pode ter apenas duas vítimas, mas é definido como 'um evento único com nenhum período de resfriamento emocional entre os assassinatos'. Assim, o assassino que aguarda meses ou mesmo anos entre seu primeiro e segundo assassinato e encontra-se na prisão não se encaixa no esquema do FBI." (NEWTON,2005, p. 49 e50)

Apesar de ser a definição mais comum, não é unânime no mundo da pesquisa, particularmente em relação ao número de vítimas necessário para qualificar um fato de assassinato série.

De fato, alguns pesquisadores acreditam que o número mínimo de vítimas é de dois (Morton, 2005), enquanto que para outros, é necessário ter pelo menos quatro (Fox & Levin, 1998). Além disso, como destacado por Warf e Waddell (2002), o número de vítimas poderia se referir tanto a pessoas cujo o assassino é suspeito do crime, tenha sido condenado ou ainda ter confessado, sendo portanto necessário uma maior precisão.

O lapso temporal necessário para ser considerado um serial killer também parece estar em questão, já que alguns pesquisadores limitam o período entre os assassinatos a apenas alguns dias (Fox & Levin 1998). Dada a falta de consenso sobre esse critério, muitos autores não o incluem mais em sua definição.

Há autores que afirmam que o segundo assassinato deve ocorrer após a satisfação trazida pelo primeiro diminuir, seja qual for a motivação original do assassino em série (Homant & Kennedy, 2014), este período de reflexão continua a ser importante porque diferencia os assassinatos em série de outros múltiplos assassinatos.

Diante do fato de que não há de fato uma definição universal de assassinato em série e a fim de remediar a esta lacuna, levando-se em conta tanto critérios de pesquisa, quanto os critérios legais, Adjorlolo e Chan (2014) propõem uma definição composta de três critérios:

(1) Dois ou mais homicídios conectados com ou sem a intenção revelada de cometer assassinato adicional, (2) os assassinatos são cometidos pela (s) mesma (s) pessoa (s) durante um certo período de tempo e (3) onde o motivo principal é gratificação pessoal (Adjorlolo & Chan, 2014, p.490).

4.1.1. Um problema mundial

Encontramos assassinos em série em todo o mundo, seja na França, na Inglaterra, no Brasil ou na Rússia. Atualmente, é difícil saber o número exato de serial killers ativos no mundo, diante da existência de diferentes maneiras de definir o conceito e, portanto, avaliar a existência do fenômeno. Além do fato, de a polícia encontrar muitas dificuldades em atribuir diferentes assassinatos ao mesmo agressor (Bourgoin 1993; Fox & Levin 1998; Warf & Waddell 2002). Apesar disso, o Federal Bureau of Investigation estimou o número de serial killers em 169, entre janeiro de 1977 e novembro de 1989 (Bourgoin, 1993).

Durante três décadas na segunda metade do século 20, houve na América do Norte um crescimento no número de homicídios em série, tendo este aumento se iniciado nos anos de 1960 e atingido seu pico na década de 80. Este aumento pode ser explicado pela melhora das ferramentas que possibilitam ligar vários assassinatos a um único agressor, bem como uma melhor comunicação entre diferentes serviços policiais existentes (Dietz 1986, Fox & Levin 1998).

Alguns autores argumentam, no entanto, que houve de fato um aumento no número de assassinatos em série, como o historiador canadense Peter Vronsky que levantou a hipótese de os danos causados pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e aos filhos de homens que voltavam dos campos de batalha na Europa e na Ásia terem sido um dos fatores desse aumento (Vronski,2004)

Independentemente do número real de serial killers, estes inspiram medo. Não é possível saber quando os assassinatos vão parar e todos se sentem vulneráveis como vítimas em potencial. Como resultado, assassinatos em série marcam de maneira prolongada a comunidade onde ocorreram (Fox & Levin, 1998, Holmes & Holmes, 1994).

4.1.2 O perfil dos assassinos em série e de suas vítimas

4.1.2.1 Assassinos em série

Quanto ao perfil dos serial killers, (Hickey,2015) cerca de 76% seriam homens. Destes, 46% dos assassinos em série são caucasianos, em comparação com 52% afro-americanos. Por fim, a idade média do primeiro assassinato é de 29,5 anos. No entanto, de acordo com o Federal Bureau of Investigation (2014), não existe um perfil padrão do serial killer. De fato, eles se diferenciam em muitas características: motivações, comportamentos, inteligência, aparência, classe social, etc. (Federal Bureau of Investigation, 2014, Fox & Levin, 1998). Alguns, como Ted Bundy, destacam-se por sua beleza e inteligência. No entanto, parece que a maioria dos serial killers correspondem mais à imagem do "homem médio ". É, portanto, muito difícil para os agentes de segurança capturá-los porque eles têm uma capacidade excepcional de se esconder atrás de uma máscara de banalidade (Fox & Levin, 1998).

Assassinos em série também podem demonstrar grande mobilidade. De fato, alguns deles matam durante viagens. Grandes distâncias são então percorridas entre cada crime, tornando ainda mais difícil estabelecer a ligação entre os diferentes casos. Outros preferem matar dentro do mesmo estado ou cidade. O ambiente urbano também é muito atraente para esse tipo de assassino, porque oferece anonimato e uma grande variedade de vítimas e lugares para cometer os fatos. O meio rural, no entanto, seria preferido

quando se trata de delivrar o corpo da vítima (Warf & Waddell, 2002). Finalmente, uma minoria de serial killers mata em locais específicos, como sua casa ou local de trabalho. É então mais fácil para a polícia prendê-los (Hickey, 1997, citado por Fox & Levin, 1998, Holmes & Holmes, 1994).

Em virtude de crenças culturais, muitos tendem a ver as mulheres como seres vulneráveis e amorosos, cheios de compaixão e ternura. Portanto, para muitos, estas são incapazes, tanto física quanto psicologicamente, cometer assassinato. No entanto, apesar de representarem uma pequena porcentagem, existem mulheres serial killers (Hickey, 2013, Holmes e Holmes, 1994, Warf & Waddell, 2002), apresentando estas algumas diferenças em relação aos homens.

Primeiramente, essas mulheres tendem a atacar os membros da família ou seus pacientes em hospitais ou lares de idosos (Warf & Waddell, 2002). Ao contrário dos homens, existe uma relação de dependência entre a vítima e a agressora (Fox & Levin, 1998).

No entanto, isso nem sempre é o caso. De fato, (Hickey 2015) mostrou em um desses estudos que um terço das mulheres também matam desconhecidos. No que diz respeito à motivação para agir, um grande número de mulheres mata para obter um certo conforto. Elas, portanto, esperam obter ganhos materiais, como dinheiro, seguro ou interesses comerciais (Hickey 2015, Holmes & Holmes 1994, Warf & Waddell 2002).

Mulheres assassinas em série também se locomovem pouco geograficamente e usam outros tipos de armas, como drogas ou veneno (Bourgoin 1993, Holmes & Holmes 1994). Finalmente, também é importante enfatizar que as mulheres nem sempre agem sozinhas. Muitos delas são na verdade acompanhadas por um cúmplice masculino (Hickey, 2015, Holmes & Holmes, 1994).

4.1.2.2 As vítimas

Na maioria dos assassinatos em série, não há relação entre a vítima e o agressor. De fato, 61% dos serial killers atacam estranhos (Hickey, 2013). A escolha da vítima, no entanto, não é totalmente aleatória. Estes devem ter um significado especial para o assassino (Holmes & Holmes, 1994, Skrapec, 2001). O que importa não é a identidade do cadáver, mas o que ele representa (Bourgoin, 1993), o que pode igualmente explicar o excesso de violência encontrado em assassinatos em série (Skrapec, 2001).

Hickey (2013), por outro lado, traz a hipótese que atacar desconhecidos permite ao assassino de considerar a vítima como um objeto, e assim passar mais facilmente ao ato. No entanto, esta hipótese não é apoiada por Skrapec (2001) em virtude do diagnóstico de psicopatia da maioria dos serial killers. Esse traço particular da personalidade do serial killer será tratado com mais profundidade em outro tópico.

Assassinos em série também tendem a atacar as pessoas que consideram mais vulneráveis. Essa vulnerabilidade pode se referir tanto à facilidade de captura, às características físicas dos indivíduos, necessidade de cuidados especiais ou à falta de conexão com o resto da comunidade, permitindo assim que haja mais chances de o desaparecimento passar despercebido. Como resultado, os serial killers terão como alvo prostitutas, viciados em drogas, crianças, idosos, caronistas e pessoas hospitalizadas (Fox & Levin, 1998). Eles, portanto, trabalharão em locais que lhes permitam entrar em contato com esse tipo de pessoas, como serviços de segurança, hospitais, necrotérios, serviços de ambulância, etc. (Park E. Dietz, 1986). Para escolher uma vítima, o serial killer irá considerar ainda critérios diferentes, como sexo, idade ou estilo de vida (Skrapec, 2001).

Segundo muitos autores, a vítima típica dos serial killers é uma mulher (Meloy & Felthous, 2004). Bourgoin (1993) inclusive afirma serem 65% das vítimas femininas contra apenas 35% das vítimas do sexo masculino. Essas mulheres são geralmente caucasianas. Isso ocorre porque os assassinos em série, geralmente, matam pessoas do mesmo grupo étnico para não serem notados. Sendo, frequentemente, os serial killers jovens brancos (Warf & Waddell, 2002).

4.1.2.3 Fatores de risco

Por que esses indivíduos se tornaram serial killers? Esta questão, apresentada por muitas pessoas, não tem uma única resposta. Para explicar tal comportamento violento, é necessário levar em conta um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais (Federal Bureau of Investigation, 2014). No entanto identificar a totalidade das predisposições do comportamento humano, mais especificamente dos assassinatos em série, é impossível (Federal Bureau of Investigation, 2014), motivo pelo qual no presente trabalho abordaremos somente os fatores de risco mais documentados.

Atualmente, os fatores biológicos têm sido pouco estudados. No entanto, diante do fato de vários casos de violência terem sido relatados após traumatismos cranianos em pessoas sem antecedentes (Federal Bureau of Investigation, 2014), passou-se a sugerir

a possibilidade de existir um papel biológico na ocorrência de comportamentos violentos. Essa hipótese parece ser confirmada pelo estudo de Pallone e Hennessy (1998) segundo o qual há maior probabilidade de existir dano cerebral em criminosos violentos e, conseqüentemente, em serial killers.

As lesões do córtex pré-frontal, frequentemente encontradas nestes últimos, permitem em particular explicar a passagem para o ato violento. De fato, essa parte do cérebro controla e inibe os impulsos emocionais e agressivos do sistema límbico. Portanto, os danos no córtex pré-frontal podem causar desinibição destas unidades no indivíduo que, por conseguinte, vai passar ao ato (Meloy Felthous, 2004).

No entanto, de acordo com Meloy e Felthous (2004), a biologia do comportamento humano é sempre mediada por variáveis sociais e psicológicas. Com relação a esta última, os serial killers estariam cientes da natureza maligna dos atos que cometem, mas deliberadamente decidem ceder às suas fantasias e impulsos. Alguns serial killers sofrem de um transtorno mental grave, como psicose (Fox & Levin, 1998; Holmes & Holmes, 1994; Meloy & Felthous, 2004). Embora alguns autores tenham diagnosticado transtorno de personalidade borderline entre esses assassinos (Ansevics & Doweiko, 1991 citados por Fox e Levin, 1998), os pesquisadores concordam sobre a presença de um distúrbio personalidade anti-social (American Psychiatric Association, 2013). Também conhecido como sociopatia ou psicopatia, este distúrbio tem a sua origem no abuso durante a infância (Ressler, Burgess, e Douglas, 1988) e é caracterizada principalmente por indiferença ou violação dos direitos dos outros (American Psychiatric Association, 2013). Essa característica é particularmente encontrada nos assassinos em série. Entre muitas outras características, também encontramos nesses indivíduos o uso da manipulação, intimidação ou violência para satisfazer suas próprias necessidades ou controlar outros (Associação Americana de Psiquiatria, 2013; Federal Bureau of Investigation, 2014; Warf & Waddell, 2002).

Embora a falta de empatia e remorso também caracterize indivíduos com transtorno de personalidade antissocial, os serial killers usam essas qualidades com suas famílias e amigos, sugerindo que esse transtorno não é sempre presente em sua forma mais extrema nesses assassinos (Federal Bureau of Investigation, 2014; Fox & Levin, 1998).

Predisposições biológicas e psicológicas, no entanto, não são suficientes para explicar a ocorrência de assassinatos em série. De fato, é necessário colocar as pessoas

em um contexto sócio-cultural, a fim de compreender as suas razões para agir assim (Haggerty, 2009; Hickey, 2015; Warf & Waddell, 2002). O elemento mais desafiador, no entanto, parece ser uma cultura de transmissão e banalização de imagens violentas (Warf & Waddell, 2002). Elementos desta cultura são encontrados nos valores e normas transmitidos pela família (Holmes & De Bruger, 1988; Holmes & Holmes, 1994), possuindo esta um impacto importante na ocorrência de mortes em série.

Uma multiplicidade de fatores é, portanto, necessária para o desenvolvimento de serial killers. “ They [serial killers] have the appropriate biological predisposition, molded by their psychological makeup, which is present at a critical time in their social development » (Federal Bureau of Investigation, 2014, p.11).

A mera presença desses fatores, no entanto, não é suficiente para explicar a ocorrência de assassinatos em série. De fato, o ato ocorre apenas quando a decisão foi tomada pelo indivíduo de se engajar nesse tipo de comportamento (Federal Bureau of Investigation, 2014).

4.1.3 Tipologias

Os homicídios despertam grande interesse e fascínio. Esta tendência não escapou à atenção dos pesquisadores, particularmente no campo da criminologia. De fato, muitas análises de estudos de caso e monografias foram escritas sobre serial killers desde 1985 (Fox & Levin 1998, Hickey 2013). A atenção dada a esse assunto pode ser possivelmente explicada pela dificuldade de entendê-lo (Adjorlolo & Chan, 2014). Em uma tentativa de melhorar esse entendimento, muitas tipologias foram criadas.

Neste trabalho, iremos desenvolver as classificações utilizadas e desenvolvidas pelo Federal Bureau of Investigation, ou seja, sobre dicotomia entre assassinos organizados e assassinos desorganizadas e a tipologia de Holmes e De Burger.

A Tipologia de Holmes e De Burger, foi feita com base em entrevistas e análises de casos (Holmes & Holmes, 1994), baseia-se em várias hipóteses:

(A) As origens das mortes em série são quase sempre psicogênicas, quase sempre um padrão de personalidade sociopata foi formado no processo de desenvolvimento que facilita a entrada do indivíduo em padrões de comportamento homicida extremo; (b) Para o assassino em série, existe um locus intrínseco de motivos que "fazem sentido" para o assassino, mas que podem não ser evidentes para os investigadores; (c) As recompensas ou ganhos que reforçam o comportamento do serial killer são quase sempre psicológicos e o ato homicida expressa os principais motivos.(Holmes & De Burger, 1988, p. 56).

A partir desses pressupostos, Holmes e De Burger (1988) identificam quatro tipos de serial killers baseados em suas motivações:

A primeira categoria descrita por Holmes e De Burger (1988) são os serial killers visionários. Eles selecionam e matam uma pessoa ou categoria de indivíduos a pedido de uma voz ou visão de um Deus ou um demônio. Como esse tipo de assassino é cortado da realidade, ele é frequentemente considerado psicótico.

Outros assassinos em série têm a missão de matar uma certa parte da população que consideram indigna de viver. O objetivo deles é, portanto, pura e simplesmente uma melhoria social (Haggerty, 2009). Entre suas vítimas, podemos encontrar idosos, prostitutas, crianças ou até mesmo determinados grupos étnicos (Hickey, 2013). Ao contrário dos serial killers visionários, esses serial killers estão plenamente conscientes de suas ações (Holmes & De Burger, 1988)

Os assassinos hedônicos, por outro lado, usam o assassinato como um meio de obter prazer. Eles também não sentem remorso por matar pessoas para sentir uma sensação de bem-estar. Holmes e De Burger (1988) identificam duas subcategorias: o assassino para quem o homicídio é apenas uma peça do quebra-cabeça que lhe permite aumentar sua satisfação e o "lust murderer" que sente prazer sexual durante o assassinato. A antropofagia, necrofilia ou desmembramento são práticas regularmente encontradas neste tipo de assassino (Hickey, 2013, Holmes & Holmes, 1994).

Finalmente, a última categoria identificada por Holmes e De Burger (1988) é a dos serial killers que obtêm satisfação do controle que podem ter sobre a vida ou a morte da vítima. Seu prazer vem do fato de que eles podem fazer o que quiserem com ela. A sodomia, a violação e a destruição da anatomia sexual da vítima não são sexuais neste tipo de homicídio: estes atos destinam-se apenas a exercer poder sobre a vítima e a sentir-se superior (Fox & Levin 1998, Holmes & De Burger 1988).

Embora essa tipologia seja usada frequentemente, ainda assim é criticada. De fato, Gresswell e Hollin (1994) mostraram sobreposição entre as diferentes categorias da tipologia. Como exemplo, esses autores citam as motivações semelhantes entre assassinos missionários e visionários, limitando-se a distinção ao diagnóstico de psicose encontrado no último. Uma segunda crítica refere-se ao fato de que existem mais categorias do que as descritas por Holmes e De Burger.

O Federal Bureau of Investigation, criou uma dicotomia baseando-se em entrevistas feitas com 36 serial killers encarcerados (Ressler, Burgess & Douglas, 1988).

De acordo com agentes do FBI, existem dois perfis de serial killers: assassinos em série organizados e assassinos desorganizados (Warf & Waddell, 2002).

Podemos distinguir esses dois tipos de serial killers a partir de suas características pessoais. De fato, de acordo com o Federal Bureau of Investigation, o serial killer organizado é inteligente, carismático, social e sexualmente competente, o que faz dele um trabalhador competente. Ao contrário do assassino desorganizado, ele é o mais velho de sua família e não mora sozinho. O assassino organizado possui um carro, o que lhe permite movimentar-se profissionalmente e geograficamente e, assim, matar em várias cidades ou estados. Conseqüentemente, as autoridades encontram mais dificuldade em capturá-lo. Finalmente, ele tende a acompanhar a notícia de seus crimes na mídia. O serial killer desorganizado, entretanto, tem uma inteligência abaixo da média e é socialmente imaturo. Ele tem muitas mudanças comportamentais e não é competente em seu trabalho. Ele não possui um carro e não está interessado na mídia.

O modus operandi também é diferente entre esses dois tipos de serial killers. O assassino organizado planeja o assassinato: é, portanto, metódico, seja antes ou depois dos fatos. Ele caça sua presa em lugares públicos e faz uso de restrições e violência física contra suas vítimas. O assassino desorganizado, por outro lado, é mais espontâneo e usa o que tem disponível no momento como arma do crime (Warf & Waddell, 2002). Ele age com mais frequência à noite, não recorre ao sequestro e molesta suas vítimas após a morte.

Uma distinção adicional refere-se às características da cena do crime. Uma vez que o serial killer desorganizado não possui um carro, ele opera em locais próximos a sua casa ou local de trabalho e deixa o cadáver na cena do crime à vista de todos. Sua apreensão pela polícia é, portanto, muito mais fácil do que para o assassino organizado que esconde ou move o corpo e carrega a arma do crime com ele.

Em relação às características da vítima, o Federal Bureau of Investigation constatou que o assassino organizado ataca com mais frequência desconhecidos, que são vítimas de oportunidades. Já o assassino desorganizado, presta menos atenção às características físicas ao escolher as vítimas (Warf & Waddell, 2002). Também é possível que ele ataque pessoas que ele conhece (Fox & Levin, 1998, Hickey, 2013, Ressler et al., 1988, Warf & Waddell, 2002).

Na prática, não há serial killers totalmente organizados ou desorganizados. Para que um assassinato em série aconteça, é necessário ter um mínimo de organização. Encontramos, assim, um elemento organizado na maioria dos assassinatos em série, que

são diferenciados pelos elementos desorganizados encontrados na cena do crime (Fox & Levin, 1998).

4.1.4 As diferentes fases do processo de assassinato

Quando agem, os serial killers passam por diferentes fases. Holmes e Holmes (1994) propõem um modelo que consiste em cinco fases: fantasia, perseguição, sequestro, assassinato e eliminação do corpo. Essas diferentes fases não são todas obrigatórias e não estão presentes em todos os serial killers. Além disso, é possível que um assassino passe por todo o processo para realizar um determinado assassinato, mas que não o faça para outro.

A primeira fase, no entanto, é necessária para a realização de qualquer assassinato em série. Para entrar no processo de assassinato, o assassino deve ter fantasias. Estas podem relacionar-se com todo o ato, desde a captura da vítima até a eliminação do corpo. O serial killer, no entanto, nunca alcançará a perfeição encontrada nessas fantasias. Ele nunca ficará totalmente satisfeito, o que significa que irá continuar com novas vítimas. Conforme for cometendo novos assassinatos suas fantasias serão estruturadas, resultando em uma maior organização dos futuros assassinatos (Holmes & De Burger, 1988).

A segunda fase é a perseguição de sua vítima. Este último será então seguido e observado por seu futuro agressor. Geralmente é nessa fase que ocorre o processo de despersonalização: a vítima não é mais considerada uma pessoa, mas sim um objeto. A duração da caça, no entanto, dependerá do tempo, da oportunidade e da compulsão para matar do serial killer. Portanto, é bem possível que o assassino não observe sua vítima e vá diretamente para a terceira fase do processo assassino.

Esta terceira fase envolve trazer a vítima para um lugar onde o assassino se sente relativamente confortável. A fim de atingir seus objetivos, o assassino recorrerá então a estratégias como as artimanhas verbais. Hickey (2015), por sua vez, afirma que alguns simplesmente esperam em casa que a vítima caia em sua armadilha.

A quarta fase começa quando a vítima está na zona de conforto do assassino. O momento em que o serial killer age de fato. Para alguns, apenas o objetivo final do ato conta. A morte da vítima será então rápida. Para outros, o mais importante é o próprio processo de matar. O assassino fica satisfeito com a brutalidade infligida à vítima. Ele agirá seguindo um cenário específico, que possivelmente continuará após a morte da vítima. Além disso, ele usa métodos como tortura, sodomia, estupro ou desmembramento do corpo (Holmes & De Burger, 1988). Independentemente da satisfação vir pela morte

da vítima ou pelo processo assassino, os serial killers matam por meio do estrangulamento ou o uso de facas. Esse tipo de arma permite que eles tenham certa proximidade com sua vítima (Bourgoin 1993, Hickey 2015)

Por fim, a última fase refere-se à eliminação do corpo. Uma vez que a vítima está morta, o assassino deve, de fato, cuidar do corpo. Ele pode deixar no lugar do crime ou movê-lo. Neste caso, ele pode colocá-lo em um lugar onde será facilmente encontrado ou não (Holmes & Holmes, 1994).

5. PSICOPATIA VERSUS SOCIOPATIA

O termo sociopata é um tanto meândrico e controverso. Atualmente ainda não há um consenso entre os especialistas no que tange a sua definição. Geralmente, o termo sociopata é usado para descrever um subtipo de transtorno de personalidade antissocial, para diferenciá-lo da psicopatia. Os sociopatas também foram chamados de psicopatas secundários, de modo a distingui-los dos psicopatas primários (psicopatas propriamente ditos).

Alguns usam o termo sociopata em sentido amplo, englobando tanto os sociopatas quanto os psicopatas, porque dessa maneira nós os distinguimos melhor do termo de psicose (desordem diferente). Outros acreditam que faz mais sentido nomear como sociopatas aqueles que sofrem desse transtorno em decorrência de fatores ambientais, e psicopatas aqueles que sofrem de transtornos devido à fatores fisiológicos e biológicos.

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria em 2013, lista sociopatia e psicopatia como Transtornos da Personalidade Antissocial (TPAS). Esses distúrbios compartilham muitos traços comportamentais comuns que levam à confusão entre eles. Os principais traços que os sociopatas e os psicopatas têm em comum incluem o desrespeito pelas leis, costumes sociais e direitos dos outros, além de uma falta de remorso ou culpa e uma tendência à comportamentos violentos. Além de suas semelhanças, os sociopatas e os psicopatas também têm suas próprias características comportamentais únicas.

4.3.1. Como diferenciar um sociopata de um psicopata?

Embora ambos os termos se refiram a um transtorno de personalidade antissocial, a sociopatia e a psicopatia são dois transtornos distintos.

Os sociopatas são mais emocionais. Eles tendem a ser mais nervosos e mais facilmente agitados. Eles são frequentemente vítimas de surtos transitórios. É provável que eles não sejam instruídos e vivam à margem da sociedade, incapazes de manter um emprego estável ou permanecer em um lugar por muito tempo. Embora seja difícil para eles formarem laços de intimidade com os outros, isso não é impossível, sendo portanto capazes de ter apego a um determinado indivíduo ou grupo, ainda que não tenham consideração pela sociedade em geral ou por suas regras. Os Crimes cometidos por serial killers sociopatas são caracterizados pela desorganização, casualidade e improvisação.

Já os psicopatas são planejadores e não têm empatia (Babiak & Hare, 2006). As pessoas que têm uma personalidade psicopata são incapazes de criar conexões emocionais. Eles podem parecer encantadores à princípio, o que lhes permite manipular e enganar terceiros. Geralmente são bem educados, inteligentes e possuem um emprego estável e um bom lugar na sociedade. Na hipótese de um serial killer psicopata, ele planejará cuidadosamente o crime e manterá suas emoções sob controle. Eles são pessoas frias e calculistas, o que os diferencia dos sociopatas.

As causas da sociopatia e da psicopatia são diferentes. Acredita-se que a psicopatia é o resultado de uma combinação biológica e genética específica, enquanto a origem da sociopatia está mais relacionada aos fatores ambientais. Seriam as primeiras experiências pessoais as principais responsáveis pelo desenvolvimento de uma personalidade sociopata.

Enquanto a psicopatia está relacionada a um defeito fisiológico no desenvolvimento da zona cerebral relacionada ao controle das emoções. Por outro lado, a sociopatia geralmente está ligada à traumas de infância, como abuso físico ou emocional. Assim sendo, o transtorno de personalidade antissocial é caracterizado por uma ruptura com normas que levam a mentiras, decepções e até comportamentos agressivos em relação a outras pessoas, animais ou propriedade de terceiros. Sendo portanto de suma importância um diagnóstico rápido desse tipo de transtorno, a fim de evitar as possíveis complicações relacionadas ao transtorno.

Deve-se notar que nem todas as pessoas que sofreram um trauma se tornarão necessariamente sociopatas. Assim, pensa-se que existem pessoas com traços de personalidade que estão predispostas a serem sociopatas se experimentarem situações de abuso ou trauma. Isso pode explicar as diferenças na capacidade de reabilitação que existe entre esses dois transtornos. É muito pouco provável que os psicopatas se reabilitem e não voltem a reincidir. Por outro lado, é mais provável que os sociopatas possam ser reabilitados, assim como os ofensores normais. De onde a suma importância do diagnóstico acurado para que se possa definir as condições de imputabilidade.

Todos os sociopatas não são necessariamente criminosos, embora seja verdade que há muitas pessoas na prisão que são sociopatas (mais do que psicopatas), de modo que o transtorno de personalidade antissocial não é sinônimo de delinquência. Pessoas que sofrem deste distúrbio são simplesmente mais propensas a ter condutas criminosas, mas não se destinam necessariamente a isso. Muitos sociopatas e psicopatas estão

perfeitamente integrados à sociedade e, apesar de tenderem a ser mais agressivos, nem todos são assassinos.

6. A IMPUTABILIDADE E SUA APLICABILIDADE EM RELAÇÃO AO SERIAL KILLER

O conceito moderno de delito adotado pelo nosso ordenamento jurídico é o conceito analítico, desenvolvido inicialmente por Carmignani (1833), cujo sistema bipartido de crime perdurou até conceito clássico de delito, de Von Lizst e Beling, responsável por introduzir a tipicidade ao conceito. Desta evolução resultou o conceito analítico de delito atual, dividido em três elementos principais: fato típico, ilicitude e culpabilidade. A culpabilidade é portanto um elemento fundamental, principalmente no que diz respeito aos assassinos em série, pois ela serve como pressuposto essencial na aplicação de uma pena. Nas palavras de Luiz Regis Prado:

A culpabilidade é a reprovabilidade pessoal pela realização de uma ação ou omissão típica e ilícita. Assim, não há culpabilidade sem tipicidade e ilicitude, embora possa existir ação típica e ilícita inculpável. Devem ser levados em consideração, além de todos os elementos objetivos e subjetivos da conduta típica e ilícita realizada, também, suas circunstâncias e aspectos relativos à autoria (PRADO,2007,p.408)

O Direito Penal apresenta ao conceito de culpabilidade um triplo sentido, como destaca Cezar Roberto Bitencourt:

Em primeiro lugar, a culpabilidade – como fundamento da pena – refere-se ao fato de ser possível ou não a aplicação de uma pena ao autor de um fato típico e antijurídico, isto é, proibido pela lei penal. Para isso, exige-se a presença de uma série de requisitos – capacidade de culpabilidade, consciência da ilicitude e exigibilidade de conduta conforme a norma – que constituem os elementos positivos específicos do conceito dogmático de culpabilidade. A ausência de qualquer desses elementos é suficiente para impedir a aplicação de uma sanção penal. Em segundo lugar, a culpabilidade – como elemento da determinação ou medição da pena. Nessa acepção, a culpabilidade funciona não como fundamento da pena, mas como limite desta, impedindo que a pena seja imposta além da medida prevista pela própria ideia de culpabilidade, aliada, é claro, a outros fatores, como importância do bem jurídico, fins preventivos etc. E, finalmente, em terceiro lugar, a culpabilidade – vista como conceito contrário à responsabilidade objetiva, ou seja, com o identificador e delimitador da responsabilidade individual e subjetiva. Nessa acepção, o princípio de culpabilidade impede a atribuição da responsabilidade penal objetiva, assegurando que ninguém responderá por um resultado absolutamente imprevisível e se não houver agido, pelo menos, com dolo ou culpa. (BITENCOURT, 2013, p. 437 e 438)

Segundo Marta e Mazzoni (2009), os assassinos em série são um capítulo à parte na criminologia e um desafio para a psiquiatria, visto que não se enquadram em nenhuma linha específica do pensamento. E, sabe-se que a imputabilidade do agente dependerá

essencialmente das condições psíquicas do mesmo. Nas palavras de Rogério Sanches Cunha: “A imputabilidade é elemento sem o qual “entende-se que o sujeito carece de liberdade e de faculdade para comporta-se de outro modo, como o que não é capaz de culpabilidade, sendo, portanto, inculpável”. (SANCHES, 2016, p. 287).

Portanto o sujeito imputável deve possuir “a capacidade de culpabilidade, ou seja, é a aptidão para ser culpável” (Bitencourt, 2013) de modo a receber uma pena arbitrada pelo juiz nos termos do artigo 59 do Código Penal, como forma de reprovação pelo crime que cometeu. Nas palavras de André Estefam:

É a capacidade mental de compreender o caráter ilícito do fato (vale dizer, de que o comportamento é reprovado pela ordem jurídica) e de determinar-se de acordo com esse entendimento (ou seja, de conter-se), conforme se extrai do art. 26, caput, interpretado a contrário sensu. Em outras palavras, consiste no conjunto de condições de maturidade e sanidade mental, a ponto de permitir ao sujeito a capacidade de compreensão e de autodeterminação. (ESTEFAM,2013, p.286)

No que tange ao sujeito inimputável, ainda nas palavras de André Estefam:

O doente mental que praticar o fato típico e ilícito nas condições do art. 26, caput, do CP será considerado inimputável, mas ainda assim deverá sujeitar-se a uma medida de segurança, como consequência de seu ato. Nesse caso, inexistente imputabilidade, mas há responsabilidade penal. No nosso ordenamento jurídico haverá exclusão da imputabilidade penal nas seguintes hipóteses: a) doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado (CP, art. 26); b) embriaguez completa e involuntária decorrente de caso fortuito ou força maior (CP, art. 28, § 1º);c) dependência a substância entorpecente (Lei n. 11.343/2006, art. 45, caput);d) intoxicação involuntária por substância entorpecente (Lei n. 11.343/2006, art. 45, caput);e) menoridade (CP, art. 27, e CF, art. 228).(ESTEFAM,2013,p.286)

Segundo o artigo 26 do Código Penal:

Art. 26 - É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Bitencourt analisa o caput do artigo 26, dizendo que:

Na verdade, exige-se, em outros termos, que tal distúrbio – doença mental, desenvolvimento mental incompleto ou retardado – produza uma consequência determinada, qual seja, a falta de capacidade de discernir, de avaliar os próprios atos, de compará-los com a ordem normativa. O agente é incapaz de avaliar o que faz, no momento do fato, ou então, em razão dessas anormalidades psíquicas, é incapaz de autodeterminar-se. (BITENCOURT, 2011, p.414)

Por fim, os semi-imputáveis são aqueles que têm responsabilidade diminuída e são amparados pelo parágrafo único do artigo 26 do Código Penal:

Art. 26 - Parágrafo único - A pena pode ser reduzida de um a dois terços, se o agente, em virtude de perturbação de saúde mental ou por desenvolvimento mental incompleto ou retardado não era inteiramente capaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

Em suma, aos imputáveis e semi-imputáveis aplica-se pena, enquanto aos inimputáveis, a medida de segurança, sendo esta aplicável excepcionalmente aos semi-imputáveis, quando necessário, mas nunca as duas por ofensa ao princípio do *ne bis in idem*.

Art. 98. Na hipótese do parágrafo único do art. 26 deste Código e necessitando o condenado de especial tratamento curativo, a pena privativa de liberdade pode ser substituída pela internação, ou tratamento ambulatorial, pelo prazo mínimo de 1 (um) a 3 (três) anos, nos termos do artigo anterior e respectivos §§ 1º e 4º. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

André Estefam faz uma distinção entre pena e medida de segurança:

a) A pena, fundada na culpabilidade e, ainda que parcialmente, no “poder agir de outro modo”, possui cunho ético e se baseia no sentimento de justiça (considerando que possui índole retributiva) ; a medida de segurança é neutra do ponto de vista ético, fundando-se na utilidade; b) A pena decorre de um fato certo e determinado (é, portanto, retrospectiva); a medida de segurança inspira-se num fato concreto, mas se justifica em razão de um fato provável (a possibilidade de cometer novos atos semelhantes, ou seja, a periculosidade – é, portanto, prospectiva); c) A pena é dosada proporcionalmente à gravidade do fato (abstrata e concreta); a medida de segurança é vinculada diretamente à periculosidade do agente (e à sua persistência nesse estado); d) A pena tem caráter aflitivo; a medida de segurança, curativo. Assim sendo, a medida de segurança durará até que cesse a periculosidade do agente, não podendo exceder o prazo de 30 anos e a pena terá um tempo de cessação, podendo variar de meses até anos. (ESTEFAM,2013, p.469)

A pena, visa reprovar a conduta ilícita e prevenir a ocorrência de novos crimes. Já a medida de segurança, não busca a punição e sim o tratamento do indivíduo, de modo a remediar ou neutralizar o seu estado perigoso para impedir a prática de novos ilícitos.

No que diz respeito ao assassino em série, é difícil definir as condições de imputabilidade. De acordo com Siena (2011), a doutrina penal está longe de chegar a um consenso sobre a questão. Se considerado Inimputável, conforme os ensinamentos de Lopes (2005), o juiz deverá absolver o acusado, aplicando-lhe a medida de segurança de internação. Trata-se da chamada “absolvição imprópria”. Mas, ainda que considerada a inimputabilidade, eis o que se observa na prática:

Há uma anormalidade no indivíduo que é considerado inimputável. Ele não pode receber pena, e deve ficar em um local distinto das penitenciárias comuns, recebendo tratamento adequado, como medida de segurança, para que depois possa voltar à sociedade sem o transtorno. O crime não é excluído, o que ocorre é somente a não aplicação da pena. Aqui no Brasil não há um sistema efetivo para tratar desse tipo de criminoso. Isso resulta na seguinte situação: o serial killer fica em um ambiente esperando o tratamento que lhe deveria ser dado, mas como este não ocorre, ele permanece, então, na espera. Desta forma, seu caso equipara-se a uma pena perpétua, não permitida pela Constituição Federal de 1988 [...]” (ROBERTO, 2012, p.213)

Por fim, há ainda a possibilidade de, se considerado semi-imputável, por sua capacidade de entendimento reduzida, como vem ocorrendo frequentemente em nosso judiciário, receber uma pena reduzida ou medida de segurança, o diferenciando portanto do tratamento dado pela lei ao criminoso comum. Possível ainda ter o sujeito reconhecida a sua plena imputabilidade, nas hipóteses onde o sujeito é tido como completamente são no momento em que cometeu seus atos criminosos.

7. ANÁLISES DE CASOS

7.1 Edmund Kemper

Edmund Kemper III, nasceu em 1948. Seus pais, Edmund Emil Junir e Clarnell Stage, tiveram um casamento conturbado, a mãe era alcoólatra e acusava o marido de ser um inútil, pois em vez de ter continuado seus estudos no final da Segunda Guerra Mundial, aproveitando as bolsas oferecidas aos soldados desmobilizados, preferiu ser eletricitista.

Quando tinha nove anos, seu pai saiu de casa. Sua mãe então decidiu levá-lo com suas duas irmãs para Helena em Montana, California. Abalado já pela separação de seus pais, passou a culpar a mãe pela distância de seu pai, especialmente desde que se tornou o foco da ira materna. "Minha mãe estava presente, é claro, mas ela estava lá para me bater, me humilhar, para me mostrar como os homens são inferiores." (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro L'ogre de Santa Cruz, p. 41)

Kemper também sentia grande hostilidade em relação a suas irmãs, especialmente Susan, a mais velha. Segundo ele, Susan o empurrou em direção à um trem quando tinha apenas quatro anos de idade, o jogou também em uma piscina quando tinha cinco anos, e o assediou sexualmente quando tinha apenas oito anos de idade. Sua irmã, no entanto, nunca confirmou essas declarações.

Kemper contou sobre ter fantasias de matar suas irmãs e outras pessoas desde jovem. Estas fantasias envolviam principalmente a irmã mais velha, mas às vezes envolvia a mais nova também. Ela tinha amigos, recebia mais atenção, respeito e carinho da mãe. (CHENEY, 2000, p. 183)

É verdade que é fácil, depois dos atos cometidas por Kemper, visualizar em sua infância as sementes dos crimes praticados por ele na fase adulta, como se aos oito anos de idade, a carreira criminosa de Kemper já tivesse sido traçada. Assim sendo, esta interpretação é controversa, diante do fato de que há muitas crianças que, praticaram atos de grande violência, incluindo tortura contra animais, sem nunca se tornarem assassinos em série. No entanto, no caso de Kemper e segundo ele: "Bem antes do meu primeiro crime, eu já sabia que iria matar, que acabaria assim" (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro L'ogre de Santa Cruz, p. 44).

Mesmo antes da puberdade, Kemper já era fortemente atraído por mulheres mais velhas e, mais especificamente, por aquelas da idade de sua mãe: (Donald West,1978) .

Ele saía de casa à noite para andar pelas ruas, espionando mulheres de longe e as seguindo, tendo por fantasia possuir as suas cabeças.

Kemper também tinha pensamentos eróticos envolvendo muitas amigas de sua mãe. No momento de sua prisão, ele não apenas lembrava de todos os seus nomes, mas sabia também onde moravam, tendo começado a segui-las à partir do momento em que iniciavam uma amizade com sua mãe. É claro que a própria Clarnell aparecia em suas primeiras fantasias assassinas: "De tempos em tempos, à noite, Ed pegava uma faca e um martelo, entrava no quarto da mãe dele e fantasiava em matá-la." (Robert K. Ressler et Tom Shachtman, 2006, p. 249). Este cenário posteriormente se tornará realidade.

Além de seus problemas familiares, Kemper era um excluído da sociedade. Ele possuía grande dificuldade em se adaptar às escolas que frequentava, mudando constantemente de escola sem conseguir integrar-se realmente em nenhuma. Os professores o consideravam desobediente, preguiçoso, insolente e dotado de uma baixa inteligência. Até que os psiquiatras afirmaram ser ele parte dos dois por cento das pessoas mais inteligentes, com um QI de cento e trinta e seis no Stanford-Binet.

Seu tamanho também se mostrou um grande empecilho para sua integração social. Quando adolescente, tinha dois metros e dez de altura e pesava cento e cinquenta quilos. Embora buscase se fundir na massa, chamava instantaneamente a atenção para onde quer que fosse. Adulto, tentará contrabalançar o efeito que sua estatura causava assumindo o papel do "bom gigante", cordial e bem-humorado.

Os animais foram as primeiras vítimas do Kemper, aos onze anos, atacou e matou o gato da casa e aos treze anos, outro gato se tornou vítima de suas experiências.

Ed fugiu diversas vezes de casa para ir ao encontro do pai. Após uma dessas fugas e depois de sua mãe encontrar o corpo morto do segundo gato, o pai o levou para morar com seus pais, que viviam em uma fazenda em North Fork (Sierra Nevada).

Ocorre que sua avó paterna, era muito parecida com sua mãe, agressiva e autoritária. "Ela esperava me libertar da influência negativa de minha mãe, mas na verdade, a substituiu pela dela" (Kemper, Edmund. 1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro *L'ogre de Santa Cruz*, p. 55). Segundo ele, ela procurava educa-lo com a mesma rigidez e controle que exerceu sobre seus três filhos. Ele não conseguia suportá-la observando cada um de seus movimentos.

Em junho de 1964, voltou para a casa de sua mãe. No entanto, após apenas duas semanas, e apesar de todo o ódio que nutria pela sua avó, pediu para voltar ao rancho, em virtude das brigas constantes com sua mãe.

Menos de três meses depois, enquanto sua avó corrigia os seus deveres, Kemper pegou sua arma, anunciou que ia caçar coelhos e saiu de casa. Do lado de fora, pela janela aberta, a viu por trás, ainda sentada à mesa da cozinha, e disparou um tiro na nuca e dois nas costas. Por fim, entrou na cozinha e apunhalou-a com uma faca. Segundo ele: "Eu fantasiava sobre a morte da minha avó. Eu já estava pensando em cortar a sua cabeça, mas o crime foi espontâneo como uma explosão" (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro *L'ogre de Santa Cruz*, p. 56).

Apenas após alguns minutos, ouviu o carro de seu avô chegando na estrada. Ele então pegou seu rifle e, enquanto seu avô tirava as compras do carro, o matou com um tiro na cabeça. Se apressou então em levar o corpo para a garagem, de modo que os vizinhos não o vissem.

Após reflexão, percebeu que nunca poderia justificar a ausência prolongada de seus avós. Carnell estava em lua de mel, quando recebe o telefonema de seu filho, que tentou explicar as mortes afirmando terem ocorrido em um acidente de caça, mas ficou confuso e acabou se contradizendo. Sua mãe entendeu que ele era o autor dos assassinatos e o mandou ligar imediatamente ao xerife de Madera para se denunciar.

Aos policiais que queriam saber a razão de seu ato, respondeu que só queria saber como seria atirar na avó. Disse ainda que não tinha realmente desejado a morte de seu avô, o teria matado apenas para impedi-lo de sofrer um ataque cardíaco ao ver o corpo de sua esposa. Este é inclusive o mesmo tipo de argumento que usou para justificar o assassinato de sua mãe, se colocando em uma posição de bom samaritano que mata em prol do bem-estar dos outros.

Kemper passou os cinco anos seguintes longe de sua mãe no Hospital Estadual Califórnia de Atascadero. Como era menor de idade, ele deveria normalmente ter ido para o Hospital Estadual de Napa, uma instituição com segurança mínima. No entanto, esta ideia não agradou ao juiz encarregado de seu caso, chocado com a brutalidade dos assassinatos.

Assim que se entregou à polícia, Kemper foi encaminhado a Califórnia Youth Authority, que conduziu uma investigação detalhada sobre ele, o fazendo consultar muitos

psiquiatras. O psiquiatra indicado pelo Tribunal o diagnosticou como esquizofrênico paranoico, sendo então considerado inimputável.

"É digno de nota que ele é mais paranoico em relação às mulheres, exceto sua mãe, que é a verdadeira culpada. Ele é um psicótico e perigoso para si e para os outros. Ele pode vir a ser um problema a longo prazo." (CHENEY, 2000, p. 23.)

Essas conclusões foram amplamente contestada por assistentes sociais para os quais Kemper não demonstrava nenhuma fuga de ideias, nenhum embrulhamento de pensamentos, nenhuma manifestação de ilusão ou alucinação, e nenhuma evidência de estranheza no modo de pensar. Todos concordaram, no entanto, que ele sofria de falta de autoestima, medo de ser agredido por outros, especialmente meninos e possuía uma personalidade passivo-agressiva. Um assistente social chegou a concluir em seu relatório que a vida de Kemper era "trágica e quase sem esperança".

Por medo de que a prisão intensifica-se seus sentimentos de culpa, impedindo-o de receber tratamento adequado, esses especialistas buscaram fazê-lo internar em Atascadero. Na idade de dezesseis anos, ele foi internado então em um hospital de segurança máxima especializado no tratamento de criminosos sexuais.

Os cinco anos seguintes o mudaram muito. Durante este período, ele se tornou um verdadeiro paciente de confiança (líder de equipe, responsável pela lavanderia). Ele conseguiu intrigar os médicos que o tratavam, depois agradá-los dizendo exatamente o que queriam ouvir. Se estes eram inicialmente favoráveis a uma sentença de prisão após sua passagem em Atascadero, mudaram de ideia rapidamente.

Em junho de 1969, aos vinte anos, ele foi confiado à California Youth Authority por recomendação dos médicos. Estes exigiram que ele ficasse, em uma casa em liberdade condicional.

Kemper seguiu cursos em uma universidade, obtendo excelentes notas. Mas os médicos especificaram que em nenhuma hipótese ele deveria voltar a viver com a mãe, que era, segundo eles, a fonte de seus problemas de comportamento. A California Youth Authority tinha por objetivo confiá-lo aos cuidados de seu pai, mas ele tinha desaparecido sem deixar rastros. Kemper foi então enviado de volta à casa de sua mãe para 18 meses em liberdade condicional.

Confrontado com uma nova sociedade, Kemper sentia grande desprezo, se não um ódio feroz pelos hippies, que reuniam todos os elementos por ele odiados. Acima de tudo,

ele se surpreendeu com o comportamento das mulheres que se permitiam fazer muitas coisas que antes eram raras ou proibidas, como ir à universidade, ter uma vida sexual livre ou pedir carona:

Elas me irritam porque se dão o direito de fazer o que querem. Isso me mostra que a sociedade é tão deturpada quanto eu penso. É algo que me incomoda: elas se sentem seguras em uma sociedade onde eu não sou. (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro L'ogre de Santa Cruz, p. 109)

As brigas em casa recomeçaram novamente, desta vez ainda mais intensas:

Minha mãe e eu começamos a ter discussões horríveis e violentas. Eu nunca estivera em uma briga verbal tão cruel com mais ninguém. Eu teria resolvido no braço, mas era a minha mãe, e eu não suportava o pensamento de minha mãe e eu nos agredirmos fisicamente. (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Margaret Cheney, Entrevista concedida para o livro Why: The Serial Killer in America, p. 37-38.)

Neste ponto de sua vida, Kemper devia tomar uma decisão sobre seu futuro. Ele rejeitava categoricamente a perspectiva de ir para a universidade, dizendo que estaria sob a influência de sua mãe. Na verdade, seu sonho de infância era de se tornar um policial, mas ele foi recusado.

Kemper tinha muito orgulho de ter conseguido um emprego apesar da crise econômica. Ele trabalhou primeiro, para a fábrica Green Giant, depois para uma estação local da União 76. Finalmente, ele encontrou um emprego com um salário melhor na divisão de estradas da Califórnia, onde assumiu, de certa forma, o lugar de seu avô, que trabalhava lá até a aposentadoria. Acima de tudo, esse trabalho lhe permitiu deixar a casa de sua mãe para se mudar para um apartamento com um amigo, o que não garantiu a calma esperada, visto que sua mãe começou a importuna-lo com ligações mandando-o a todo momento visitá-la.

Nesta época, Kemper tinha fantasias sexuais obsessivas, dentre as quais matar um grupo de mulheres: "Eu tinha fantasias de assassinato em massa, grupos de mulheres escolhidas, reunidas em um lugar, que eu matava, e então violava seus cadáveres ". Sua vida sexual é então inexistente. Ele tem por alvo meninas que pertenciam a uma classe social mais alta, mesmo que os riscos fossem maiores:

Sua mãe frequentemente lhe dizia que estudantes de boa família, educadas, bonitas, inteligentes, se recusariam a encontrar um inútil como ele: é precisamente o tipo de mulher que Kemper procurava" (LUNDE,citado por Stéphane Bourgoïn em L' Ogre de Santa Cruz, 1988, p. 186-187).

Kemper acrescentou uma dimensão social à sua frustração. Ele começou a matar mulheres jovens, em particular, porque sentia raiva pelo modo como era tratado:

Eu decidi que estava cansado de me esconder no meu pequeno mundo de fantasia enquanto o resto do mundo estava perturbando minha cabeça com suas vidas normais. Então eu decidi fazer essa rebelião ... como conquistas ou algo assim, visões físicas, minhas fantasias geralmente eram em torno das mulheres. [...] eu estaria no comando e ela não estariam tão pouco dispostas. (Kemper, Edmund. 1991. Entrevistador: Margaret Cheney, Entrevista concedida para o livro *Why: The Serial Killer in America*, 2009, p. 95 e 96.) .

Ele considerava que a sociedade estava em dívida com ele, justificando seus terríveis atos como uma forma de balanceamento de contas: " Equilibrar o saldo devedor com o saldo recebido" (Cheney, 2009). Trata-se de se vingar da sociedade satisfazendo os seus desejos sem se preocupar com proibições morais ou legais. Assim, ele apresentou suas ações criminosas como um retorno correto do pêndulo, onde lhe foi finalmente concedida a possibilidade de ter um pouco de prazer. Ao mesmo tempo, como um herói dos quadrinhos, ele devia infligir uma severa punição a essa sociedade que ele considerava doente, atacando o que ela mais aprecia:

Minha pequena declaração social foi tentar ferir a sociedade em seu ponto mais sensível - e isso foi tomando seus membros mais valiosos. Essa era a classe alta ou a classe média alta, quem eu considerava ser esnobe, ou a pessoa que era melhor para lidar com uma situação de vida do que eu. Acho que essa era a área que no fundo eu mais queria me encaixar. (Kemper, Edmund. 1991. Entrevistador: Donald West, Entrevista concedida para o livro *Sacrifice unto Me*, 1974, p. 171 172.)

Alguns biógrafos, se aprofundaram nessa citação para tentar mostrar que a atividade criminosa de Kemper, longe de estar enraizada na "raiva em relação à mãe", é inteiramente explicada por um desejo de vingança. social. É certo, que o assassino estava ciente desde o início do enorme impacto do desaparecimento de jovens de boas famílias.

Kemper também é muito claro sobre o que ele considerava ser a responsabilidade de sua mãe em sua atuação. Ela explica que muitas vezes dava caronas à jovens sem molestá-las. " As pessoas morriam quando ela e eu discutimos" (Kemper, Edmund. 1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro *L'ogre de Santa Cruz*, p.130 a 133). Acrescentou que sentiu ódio contra "a universidade pelo que fizera e ainda fazia com a mãe [...]. Foi a devorando lentamente pelo acúmulo de responsabilidades".

As estudantes representavam para ele, substitutas da mãe, objetos sexuais ideias e representantes de uma ordem social que odiava, mas a qual teria que aderir secretamente, e até mesmo uma conexão com a comunidade universitária. Assim, o assassinato de estudantes do sexo feminino poderia simbolizar tanto a morte da mãe, sua aniquilação e sua libertação, como escrito em sua nota à polícia. “Não há necessidade dela sofrer mais”. (Nota reproduzida em *Cannibal Killers, The History of Impossible Murders*, Martingale, M. pág. 94.).

No final de 1971, Kemper completou seus preparativos assassinos. Primeiro, ele removeu a antena de rádio que estava conectada ao seu carro e construiu um sistema para bloquear a porta do lado do passageiro. Sob o assento do motorista, ele fez um pequeno esconderijo para suas armas, dentre as quais a faca. Um lençol foi colocado no banco de trás para cobri-lo, e sacos de lixo foram armazenados no porta-malas. A seu pedido, ele obteve de sua mãe uma permissão de estacionar que lhe permitiu mover-se livremente em todos os campos da Universidade da Califórnia. Por fim, ele selecionou uma "roupa assassina": jeans de cor escura e camisa xadrez

No dia 7 de maio de 1972, Ed Kemper, matou, após dar carona, Anita Luchessa e Mary Ann Pesce, as esfaqueado e estrangulando-as. Aparentemente não violou os corpos de suas duas primeiras vítimas.

Após o crime, levou os corpos ao seu apartamento e depois de ter feito atrocidades com as cabeças, Kemper realizou uma rigorosa dissecação dos corpos. Não sabe-se ao certo, se esse procedimento era usado apenas para fins utilitários, ou seja, para eliminar as pistas que poderiam permitir à polícia rastreá-las, ou se, antes de mais nada, lhe trazia satisfação.

O cenário de fantasia parecia governado por um certo número de regras, que foram nos primeiros assassinatos seguidas rigorosamente, depois gradualmente quebradas. Elas inicialmente dizem respeito ao território de caça, longe de casa, e então com circunstâncias relacionadas ao sequestro da vítima, ninguém poderia presenciar quando entrassem em seu carro. Em seguida, as regras estabeleciam como se livrar corretamente do cadáver.

Por muito tempo, os investigadores dos assassinatos das estudantes acreditavam que o assassino era um profissional devido os cuidados tomados na dissecação dos corpos. Segundo Kemper, um cadáver demandava várias horas de trabalho antes que ele pudesse descartá-lo.

A fim de retardar o máximo possível a identificação do corpo e a causa da morte, Kemper tinha o cuidado de manter distância entre os diversos locais em que se desfazia de cada parte do corpo, às vezes à centenas de quilômetros de distância.

Em setembro de 1972, decidiu atacar novamente. Consciente de que encontraria uma maior dificuldade em virtude do seu braço esquerdo estar quebrado, devido um acidente de moto, pegou emprestado um revólver com um colega de trabalho. Sua terceira vítima é Aiko Koo, uma estudante de quinze anos.

Em 29 de novembro de 1972, tem a condenação de seu registro criminal apagada, o possibilitando a partir daquele momento obter uma licença para uma arma de fogo. Kemper neste momento, enfrentava dificuldades financeiras em virtude de sua lenta recuperação na lesão do braço. O médico rejeitou seu pedido para voltar ao trabalho, Kemper se vê assim impossibilitado de assumir os custos do aluguel de seu apartamento, voltando para a casa de sua mãe. Confrontado mais uma vez com um clima de hostilidade e conflitos, aumentou significativamente o seu consumo de álcool.

No dia 8 de janeiro de 1973 assassinou Cynthia Schall com um tiro na cabeça. Levou o seu corpo até a casa de sua mãe, mais especificamente em seu quarto, onde a profanou. Antes da chegada de Clarnell, a escondeu em um armário secreto, onde a corda de nylon de Mary Ann Pese, a mochila e a blusa de Aiko Koo já estavam. Ele esperou a saída de sua mãe para a universidade na manhã seguinte para abusar do corpo novamente, antes de dissecá-la e esquartejá-la, mantendo como troféu um anel.

Kemper ainda estava na posse de sua cabeça no dia seguinte, quando um policial encontrou um braço em um saco plástico que havia sido jogado fora pelo serial Killer, possibilitando assim a rápida identificação da vítima, Cynthia Schall. Alarmado, o assassino se apressou em enterrar a cabeça da estudante no jardim.

Quebrando suas regras, o assassino capturou suas últimas duas estudantes no próprio campus da Universidade. O nome das vítimas eram Rosalind Thorpe, um estudante de graduação em linguística de vinte e três anos, e Alice Liu, uma graduanda de origem chinesa de vinte e um anos. Ele não conseguia mais permanecer no controle de suas pulsões assassinas por muito tempo, caçando apenas vinte e oito dias após o assassinato de Cynthia Schall, enquanto os primeiros intervalos entre os assassinatos foram de noventa e sete dias e oitenta e quatro dias.

Kemper vivia em um clima de estresse constante, temendo a qualquer momento ver a polícia chegando à sua casa para detê-lo. Em meados de abril, ele se desfez dos

troféus que o ligavam à suas vítimas, bem como a arma do crime. Ele não conseguia mais comer, sofrendo de úlceras estomacais, enquanto bebia até quatro litros de álcool por dia. Ele tinha claramente atingido seus limites e tinha que pôr fim ao seu sua vida criminosa. Mas não sem um último assassinato.

"Na semana anterior ao assassinato de minha mãe, estava fazendo um filme na minha cabeça. Minha mãe vai morrer. Eu vou matá-la. Então eu me entregaria à polícia com a esperança de ser por eles abatido no meio da rua ". (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro L'ogre de Santa Cruz, p.153)

Na sexta-feira santa, Kemper passou a noite bebendo e depois adormeceu até a mãe voltar. Ele então se dirigiu ao seu quarto, a fim de ter uma última conversa com ela. "No fundo, eu queria dizer as palavras certas, ou que ela dissesse algo que interrompesse esta loucura " (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro L'ogre de Santa Cruz, p.153).

Sua mãe não reagiu como gostaria, o perguntando se pretendia ficar acordado a noite toda para falar com ela. Kemper foi embora sem responder. Às 5:15, ele voltou com um martelo e uma faca. Depois de vê-la dormir por alguns minutos, a matou e a decapitou "O que é bom para minhas vítimas é bom para minha mãe" (Kemper, Edmund.1991. Entrevistador: Stéphane Bourgoïn. Entrevista concedida para o livro L'ogre de Santa Cruz, p.153).

Apesar de ter sido detalhista em relação aos assassinatos anteriores, Kemper não quis se aprofundar sobre os acontecimentos que se seguiram à morte da mãe. Contudo, ainda foi possível reconstruir o que aconteceu. Após a decapitação, Kemper removeu sua laringe para jogá-la no triturador da pia da cozinha.

As fotos da polícia e o relatório do médico legista revelaram o tratamento especial de Kemper a cabeça de sua mãe, o que ele não quis reconhecer a princípio. Colocou-a sobre a lareira e a usou como um alvo de dardos, depois deu-lhe socos, enquanto a xingava.

Kemper não quis em um primeiro momento assumir que tinha abusado sexualmente do cadáver de sua mãe, declarando de forma evasiva que ele tinha "humilhado o corpo".Mas ele finalmente confessou ao seu advogado, ter cometido atos necrófilicos em seu corpo.

Aqueles que buscavam uma explicação sociológica para o comportamento criminoso de Kemper procuraram invalidar a tese psicológica segundo a qual a "raiva contra a mãe" seria a força motriz por trás de suas ações, apontando que a morte de Clarnell não pôs fim a sua atividade criminosa.

Sua vítima final foi uma sócia de sua mãe, Sally Hallett, uma colega de Clarnell, que compartilhava de seu temperamento autoritário. Kemper a telefonou para convidá-la à um jantar surpresa em homenagem a sua mãe e a agrediu assim que chegou. Depois, ele colocou o cadáver nu em sua cama, a decapitou e a estuprou. Então, ele passou sua última noite em casa dormindo na cama de sua mãe. Por fim, fugiu de carro, armado e terminou por se render, embora a polícia não estivesse sequer o procurando ou ciente dos novos casos de assassinato.

O julgamento de Edmund Kemper III começou em 25 de outubro de 1973, seis meses depois de sua prisão. Seu advogado, James Jackson, não conseguiu encontrar nenhum psiquiatra ou psicólogo para testemunhar na defesa. A confissão longa, clara e articulada de Kemper não conseguiu convencer ninguém de que ele é louco, como argumentou sua defesa. Durante o julgamento, as famílias das vítimas descobriram em detalhe as atrocidades por ele cometidas.

Edmund confessou guardar cabelo, dentes e pele de algumas vítimas como troféus. Também admitiu praticar canibalismo, dizendo preferir a carne da coxa de suas vítimas para fazer à caçarola com macarrão. Comia suas vítimas para que fizessem parte dele (Casoy Ilana, 2017)

Chamado para depor, Kemper, muito nervoso, afirmou sentir remorso por suas vítimas. Quer sua declaração fosse sincera ou não, ele estava claramente abalado e tentou duas vezes se matar na cela da prisão. Segundo, a testemunha da defensoria, Dr fort, na verdade as tentativas de suicídio eram para chamar a atenção e afirmou ainda que se Kemper fosse solto, mataria outra vez.

Dr. Fort, afirmou ainda terem os especialistas que examinaram Kemper em 1964 feito um erro de diagnóstico. Em sua opinião, o assassino não é paranoico-esquizofrênico, mas sim um maníaco sexual totalmente consciente da diferença entre o bem e o mal. Sendo essa distinção crucial, tanto no sistema legal americano quanto no brasileiro, para determinar se o réu é imputável ou não.

Se o acusado fosse declarado legalmente incapaz, receberia medida de segurança. No entanto não foi o que aconteceu e em 14 de novembro de 1973, Kemper foi condenado

a oito sentenças perpétuas. A pena de morte já tinha sido abolida na Califórnia e seu pedido para ser executado na câmara de gás não pôde ser concedido.

Kemper, hoje com 70 anos, está agora na Prisão Vacaville, perto de São Francisco. Seus muitos visitantes ficam surpresos ao notar no saguão da recepção quantas premiações lhe foram concedidas pela administração americana para parabenizar o seu envolvimento: além de ensinar informática, o preso participa ativamente de um programa de transcrição em Braille de obras literárias.

Embora alguns profissionais da área específica tenham entendido, no sentido de que ele não se enquadra como psicopata, há profissionais que se manifestaram em sentido favorável a tal diagnóstico, como o psicólogo e professor Armindo Freitas Magalhães, que em seu livro, “The face of Psychopath-Brain and Emotion” (2018), cita Ed Kemper como exemplo de serial killer psicopata.

Tal entendimento parece coerente visto que ele possui quase todas as características mencionadas pelo agente especial do FBI Robert Ressler e alguns de seus colegas em um artigo para a Associação Internacional de Ciências Forenses em 1984, dentre as quais: possui um elevado QI, no entanto, se saiu mal na escola e encontrou dificuldade em manter um emprego. Veio de uma família altamente instável e disfuncional, foi abandonado por seu pai e criado por uma mãe controladora, por quem nutria um ódio profundo. Supostamente foi assediado sexualmente por sua irmã mais velha quando criança, além de ter sofrido violências emocionais e psicológicas por parte de sua mãe. Foi internado em uma instituição psiquiátrica quando adolescente por ter assassinado os avós. Demonstrou um intenso interesse em voyeurismo, e fetichismo em uma idade muito precoce, e, por fim, iniciou seu abuso e tortura sádica em animais (Fisher e Fisher, 2003).

Corroboram ainda este diagnóstico os dizeres de Odon Ramos Maranhão, segundo o qual:

“O psicopata é antissocial. Sua conduta frequentemente o leva a conflitos com a sociedade. Ele é impelido por impulsos primitivos e por ardentes desejos de excitação. Na sua busca aut centrada de prazeres, ignora as restrições de sua cultura. O psicopata é altamente impulsivo. É um homem para quem o momento que passa é um segmento de tempo separado dos demais. Suas ações não são planejadas e ele é guiado pelos seus impulsos. O psicopata é agressivo. Ele aprendeu poucos meios socializados de lutar contra frustrações. Tem pequeno ou nenhum sentimento de culpa. Pode cometer os mais apavorantes atos e ainda rememorá-los sem qualquer remorso. Tem uma capacidade pervertida para o amor. Suas relações emocionais, quando existem,

são estéreis, passageiras e intentam apenas em satisfazer seus próprios desejos. Estes dois últimos traços: ausências de amor e de sentimento de culpa marcam visivelmente o psicopata, como diferente dos demais homens”. (MARANHÃO, 1995. p. 85)

No entanto, apesar do apropriado diagnóstico do professor Armindo Freitas Magalhães, Kemper não parece ser o perfeito psicopata da escala Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), apesar de ter se tornado um modelo para futuros perfis de serial killers, uma vez que, Ed kemper é inteligente o suficiente para manipular os profissionais, de modo a lhes dizer exatamente o que querem ouvir, sendo por isso sua declarações pouco confiáveis e questionáveis em alguns pontos.

Por fim, Segundo a Dra. Ana Beatriz Barbosa da Silva (2008), a psicopatia não é uma doença mental é, na verdade, uma personalidade diferenciada, uma maneira de ver e ser, na qual o outro não representa absolutamente nada. Conclui-se portanto pela imputabilidade de Ed Kemper, conforme veredicto proferido pelo sistema legal americano.

7.2 TED BUNDY

Louise Cowell tinha 22 anos de idade, quando deu à luz a Theodore Robert Cowell em uma casa para mães solteiras, em Vermont, no dia 24 de novembro de 1946. Quanto ao seu biológico, há uma certa dúvida em torno de sua identidade, nunca realmente confirmada.

Quando, três meses depois, Louise voltou para a casa da família com o pequeno Ted, o pai de Louise tomou a decisão de adotar o pequeno (Vronsky, 2005). Esta decisão pode ter sido tomada para evitar a desonra da família. Louise foi então relegada ao papel e status da irmã mais velha.

O avô de Ted, Sam, era agressivo com a esposa, tendo inclusive a mordido. Posteriormente, quando adulto, descobriu-se que Ted mordeu uma de suas vítimas, o que se tornou uma importante evidência durante o julgamento, visto que Ted considerava seu avô como uma figura paterna (Bergeret, 2012).

Quando tinha quatro anos, sua mãe mudou-se para Tacoma. O jovem Ted teria ficado muito ressentido com "sua irmã" quando deixou a casa dos avós. Ao ir embora, Louise impôs uma mudança de nome ao jovem Ted Cowell que se tornou Ted Nelson (Larsen, 1987). Ela não queria ser encontrada, o que leva a crer que Louise talvez tenha ido embora devido o ambiente familiar em que viviam.

Em 1951, Louise casou-se com Johnnie Culpepper Bundy, com quem teve quatro filhos. Ted mudou então seu nome pela terceira e última vez para Ted Bundy (Rule, 2009).

Para um psicólogo do FBI, ele relatou que a mãe era bastante controladora e é por isso que ele nunca soube como viver com uma mulher (Larsen, 1987). "Muitas mães de serial killers são muito controladoras e protetoras. (Vronsky, 2005).

Na escola, Ted era considerado mediano por seus professores. Os vizinhos o descreveram como uma criança "boa e educada", bem como "gentil e calma" Ele era uma criança: "inteligente, feliz e popular (...) com senso de humor" (Vronsky, 2005).

Por volta dos 13 anos, ele descobriu a verdade sobre sua filiação. Descobriu a verdade pelo seu primo e sua certidão de nascimento a confirmou. No lugar do nome do pai estava escrito: "desconhecido". Seu nascimento ilegítimo aparece então como "uma dinâmica psicológica perturbadora para Ted". No entanto, este negará totalmente ter sofrido por tal descoberta.

Já nesta idade cometia vários atos de delinquência, furtando diversas casas, além de equipamentos de esqui e falsificando ingressos. Ele vasculhava latas de lixo em busca de fotos de mulheres nuas, lia revistas de investigação com ilustrações de mulheres mutiladas, romances policiais. Ele saía também à noite procurando janelas sem cortinas para poder ver as mulheres se despirem.

Durante o ensino médio, era considerado "reservado e medíocre (...). Ele perderá a confiança. (Vronsky, 2005) e se sentia excluído pelos demais alunos. O jovem Ted se perguntava se seus problemas na escola eram devidos à genética e queixava-se de não ter um modelo em casa para ajudá-lo na escola. Já naquela época, expressou o sentimento de não estar em sintonia com o mundo social ao seu redor e de se sentir diferente dos outros.

Questiona-se o primeiro assassinato cometido por Ted Bundy teria se dado por volta dos seus 14 anos, com a sua pequena vizinha de 6 anos Anne-Marie Burr, visto que a pegada deixada por seu sequestrador ao adentrar em sua janela, era a de um adolescente.

No entanto, na ausência de pistas e do corpo não foi possível provar o envolvimento de Ted em seu desaparecimento. Muitas pessoas afirmaram que a menina o adorava e o seguia para todo lado (Morris, 2014). Se este começou a matar quando era adolescente, o número de assassinatos pode ser maior ainda do que o estimado.

No total, em relação aos assassinatos conhecidos e provados serem de sua autoria, são 33 assassinatos, incluindo 11 em Washington, 8 em Utah, 5 no Colorado e o restante em outras localidades do Estados Unidos. (Castelaux, 2014).

Ao iniciar a faculdade, passou a esconder a sua profunda falta de confiança ao vestir a máscara do homem sedutor e autoconfiante. Seja no trabalho ou na universidade, ele era capaz de fazer as pessoas ao seu redor confiarem nele, de modo que enganava seus amigos, sua família, suas namoradas, além de policiais, guardas da prisão e assim por diante.

Ted Bundy era um homem inteligente, mas não um gênio. Ele tinha um QI levemente superior ao padrão, era hábil e eficaz no trabalho, assim como nos estudos (Rule, 2009). Estudou arquitetura, chinês, psicologia e direito (Larsen, 1987).

Neste período, o álcool passou a ter um papel fundamental em sua vida, pois lhe permitia manter a máscara de confiança por ele construída através de um efeito desinibidor, o que o permitia cometer os crimes que tinha vontade, como furto e voyeurismo.

Bundy, ao falar de si mesmo na terceira pessoa, tinha sua própria opinião sobre o papel que o álcool desempenhou nele: "Diminuía sua inibição, o que o permitia praticar o voyeurismo. Era como se a personalidade dominante estivesse sedada" (Vronsky, 2005, capítulo 3). O álcool bloqueava as ideias de que poderia ser pego em flagrante no momento em que cometia, por exemplo, um furto ou, mais tarde, sequestrasse um a de suas inúmeras vítimas. Isso lhe permitia demonstrar determinação e segurança em seus gestos, que então eram mais naturais e não pareciam suspeitos.

Em 1967, conheceu e se apaixonou por Stephanie Brooks. No entanto, ela colocou fim a relação após um ano, por considerá-lo imaturo. Este relacionamento foi marcante para Ted, que cujas futuras vítimas tinham o mesmo perfil de Stephanie, garotas jovens de cabelos compridos e pertencentes a classe média alta. Depois de alguns anos, namoraram novamente e desta vez, foi Ted quem terminou o relacionamento, após ter certeza de que ela o amava (Vronsky, 2005).

Em 1971, conseguiu um emprego no Seattle Suicide Crisis Center, ao mesmo tempo em que se matriculou na universidade no curso de psicologia. Ao formar, se juntou à campanha de reeleição do governador Daniel J. Evans. Uma vez eleito, Ted foi contratado pelo presidente do Partido Republicano, Ross Davis como assistente.

Bundy continuou seus estudos universitários integrando a faculdade de direito da Universidade de Utah. Apesar dos resultados medíocres nos exames de admissão, foi aceito graças às cartas de recomendação de Evans, Davis e de seus ex-professores.

No ano de 1974, vários crimes envolvendo jovens com semelhança impressionante começaram a acontecer em três estados americanos, simultaneamente: Washington, Utah e Oregon. (Casoy, 2017).

Ao escolher suas vítimas, ele as seguia por um tempo, geralmente alguns minutos, mas às vezes mais. Inicialmente, ele as abordava à noite, e depois passou à fazê-lo durante o dia, após tornar-se mais confiante, em áreas de lazer, como o Lago Sammamish em 1974 ou uma rua movimentada ou, mais frequentemente, em campos universitários (Rule, 2009). Para atrair estas jovens, por livre e espontânea vontade, ao seu carro, usava de seu charme para assim ganhar sua confiança e não levantar suspeitas, usando um status de autoridade, como um policial ou ainda como deficiente.

O serial Killer despersionalizava sua futura vítima e a manipulava de tal maneira a levá-la aonde quisesse. Ele se adaptou e evoluiu seu modus operandi usando uma ampla variedade de disfarces. Seu plano, bem elaborado, quase sempre funcionava. Quando sua futura vítima era cautelosa e ia embora, recusando-se a ajudá-lo ou segui-lo, ele perdia a concentração, ficava nervoso e com raiva.

Na situação em que a garota concordava em segui-lo, ele a sequestrava nocauteando-a com um grande golpe na cabeça. Em seguida, ele a levava para dentro de seu carro, no lugar em que deveria estar o banco do passageiro da frente (Vronsky, 2005). Em seguida, a estuprava, espancava até a morte e praticava atos de necrofilia com seu cadáver. Por fim, se desfazia dos corpo em um lugar por ele escolhido anteriormente

Enquanto estava matando, ele não pensava sobre o que estava fazendo, caso contrário ele ficava nervoso e acabava perdendo o foco. Ted teria tentado conseguir controlar suas pulsações assassinas:

Ele fez tudo o que deveria ter feito. Ele não saiu a noite e quando bebia, ele ficava perto dos amigos. Por um período de meses, a enormidade do que fez ficou com ele. Ele observou seu comportamento, e reforçou o desejo de superar o que ele tinha começado a perceber que eram problemas provavelmente mais severos do que ele gostaria de acreditar. (Bundy, Theodore. Entrevistador Stephen Michaud e reproduzido por Vronsky, 2005, Capítulo 3)

Na época dos assassinatos sua ex-namorada, Elizabeth Kendall, uma jovem mãe divorciada, responsável em parte pela sua identificação como suspeito em casos de sequestros e assassinatos (Castelaux, 2014), ligou algumas vezes para a polícia de Utah

afirmando suspeitar que Bundy era o autor dos crimes, devido a série de fatores, como: sempre que ele se mudava para uma cidade, crimes do mesmo tipo aconteciam em locais próximos, o comportamento dele era estranho quando alguém comentava sobre estes crimes, a descrição que as testemunhas davam sobre o possível criminoso eram semelhantes com a dele e ela tinha encontrado em sua residência alguns objetos suspeitos, como um martelo para picotar gelo, instrumentos ginecológicos e máscaras.

No entanto, a polícia não deu muita importância ao que ela disse até uma noite de 1975, quando Bundy foi preso pela patrulha rodoviária de Utah após dirigir muito rápido sob a influência do álcool. Em seu carro foram descobertos máscaras, luvas cirúrgicas, martelos e sacos de lixo. Uma busca detalhada encontrou fios de cabelos, impressões digitais e evidências sanguíneas de mulheres que haviam sido assassinadas.

Uma avaliação psicológica foi então solicitada pelo juiz durante o seu primeiro encarceramento. Os psiquiatras que o avaliaram na prisão afirmaram existir nele “um certo vazio, hostilidade” (Larsen, 1987), bem como o fato de que ele escondia muitas informações e tinha uma personalidade passivo-agressivo. Para o psiquiatra Carlisle, Bundy tinha “traços característicos da personalidade antissocial, como a falta de sentimento de culpa, a aspereza e a capacidade de compartimentalizar e racionalizar seu comportamento”. Enquanto que para o outro psiquiatra Austin, Bundy tinha distúrbios de personalidade (Larsen, 1987).

Enquanto aguardava uma audiência preliminar, em 1977, na cidade de Aspen, foi autorizado a retirar as algemas para consultar livros de direito. Ele aproveitou a oportunidade para saltar do segundo andar e correr em direção às montanhas. Depois de vagar durante seis dias, roubou um carro e voltou para a cidade, onde foi reconhecido e preso novamente.

No entanto, apenas 6 meses após a primeira fuga, conseguiu fugir e instalou-se na Florida sob o nome de Chris Hagen (Casoy, 2017), onde cometeu os múltiplos assassinatos na irmandade o Chi Omega em 1979. Antes de ir lá, bebeu em um bar e tentou flertar com uma garota sem sucesso. Esta última frustração, assim como o fato de que ele não tinha matado por um longo tempo, aumentou a pressão dentro dele. Além disso, ele sabia que em breve seria preso pela polícia, visto que já era um suspeito na época. Todos esses elementos juntos o levaram a cometer um verdadeiro massacre.

Em Chi Omega mostrou extrema violência contra as quatro meninas: ele as bateu, mordeu, estuprou, dentre outras atrocidades. A selvageria da qual ele era capaz era

incompatível com sua máscara sociável" (Castelaux, 2014). Naquela noite, ele perdeu totalmente o controle, deixando no local um grande número de provas, tais como pegadas, marcas de mordida em um dos cadáveres, uma grande quantidade de sangue e os cadáveres de jovens estudantes (que ele normalmente escondia). Ao ver seus sonhos sobre de uma futura carreira política fracassam, desistiu de controlar seus impulsos e não precisava mais tomar precauções para evitar ser desmascarado (Vronsky, 2005).

Nas palavras de Bundy, que para falar sobre si mesmo usava a terceira pessoa:

Ele estava horrorizado ao perceber o que tinha feito isso, a percepção de que ele tinha a capacidade de fazer uma coisa dessas ou até mesmo de tentar - essa é uma palavra melhor - esse tipo de coisa ... o causava um efeito repulsivo. Pela primeira vez, ele parou para pensar e jurou para si mesmo que não faria algo assim novamente ... ou até mesmo qualquer outra coisa que o levasse a isso .(Bundy, Theodore. Entrevistador Stephen Michaud e reproduzido por Vronsky, 2005, Capítulo 3).

Desta forma, Ted Bundy afirmava não quer mais agir assim, mesmo que se sentisse compelido, de certo modo, a recomeçar.

Durante o processo pelos assassinatos na irmandade "Chi Omega", seus advogados tentaram alegar sua inimputabilidade por doença mental. No entanto, segundo os especialistas, Bundy era perigoso pois apesar de parecer uma pessoa inteligente e estável, provavelmente voltaria a reincidir.

Em seu julgamento, vários especialistas deram sua opinião sobre o tipo de patologia por ele sofrida, sua personalidade ou sua doença mental. Muitos ainda mudaram seu diagnóstico ao longo dos anos. Para alguns, "Ele não era louco", mas ele tinha múltiplos transtorno de personalidade: narcisista, borderline e sociopata (Rule, 2009). Para outros a explicação é que ele era bipolar (Castelaux, 2014).

No entanto, o diagnóstico mais coerente, parece ser o de Ann Rule, autora de um livro sobre ele e que o conheceu pessoalmente, segundo o qual, ele era um sádico sociopata que estava desfrutando do sofrimento humano por ele causado e que gostava de controlar pessoas, pois nunca tivera real influência sobre ninguém antes de praticar seus terríveis crimes (Rule, 2009).

Quanto a um sentimento de culpa, Ted Bundy terá uma opinião bastante explícita sobre o assunto: "Culpa? É um tipo de mecanismo de controle social - e é muito prejudicial. Isso faz coisas terríveis aos nossos corpos. E há maneiras muito melhores de

controlar nosso comportamento do que isso. (Bundy, Theodore. Entrevistador Stephen Michaud e reproduzido por Vronsky, 2005, Capítulo 3).

Para o serial Killer o sentimento de culpa “não lhe dizia respeito” (Hare, 1999). Ele não se sentia culpado, ele só queria sobreviver, decidiu então se declarar culpado no processo de modo a evitar um longo julgamento. De fato, dado o número de assassinatos cometidos e o número de estados envolvidos, o julgamento levaria anos.

Na manhã da terça-feira de 24 de janeiro de 1989, às 7h16 da manhã na Prisão Raiford, Bundy foi executado por cadeira elétrica, deixando uma filha que tivera com Carole Boone. Ele tinha 42 anos e enquanto seu corpo era colocado em um carro funerário, vinte guardas comemoraram sua morte.

Seu corpo foi cremado em Gainesville e suas cinzas estão espalhadas entre as cachoeiras do estado de Washington, como ele havia solicitado em seu testamento.

8.CONCLUSÃO

O presente estudo, buscou demonstrar a complexidade dos transtornos de personalidade psicopatia e sociopatia, representando estes um verdadeiro desafio para o judiciário. Primeiramente, pela dificuldade em identificá-los, como visto tanto na análise de Edmund Kemper, quanto na de Ted Bundy. Os especialistas em nenhum dos casos, conseguiram chegar a uma conclusão acerca do diagnóstico dos serial Killers, dificultando consequentemente o veredicto dos juízes.

Foi possível ainda observar, que podem existir tanto assassinos em série psicopatas, como nos parece ser Edmund Kemper, quanto sociopatas, como Ted Bundy. Sendo que ambos foram considerados como imputáveis e consequentemente receberam punições severas o bastante para os impedir de reincidir. Kemper, foi sentenciado a 8 perpétuas e permanece preso até hoje. Enquanto que Bundy foi executado por cadeira elétrica no dia 24 de janeiro de 1989.

No entanto, a realidade em nosso país é diferente, conforme o artigo 5º, inciso XLVIII, alínea *b* da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no sistema jurídico brasileiro não há penas de caráter perpétuo. Essa ordem expressa no texto constitucional é considerada uma *clausula pétrea*, ou seja, esse dispositivo não pode ser alterado, nem mesmo através de emenda constitucionais. Se considerados imputáveis, após uma pena máxima de 30 anos, conforme estabelecido pelo Código Penal, estes indivíduos devem ser liberados para viverem suas vidas como bem entenderem, representando um verdadeiro risco a sociedade como um todo.

Deve-se portanto levar em conta o princípio da igualdade, segundo o qual pressupõe-se que as pessoas colocadas em situações diferentes sejam tratadas de forma desigual: “Dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades”. (Junior, 1999). Ora, conforme evidenciado pelo presente estudo, estes homicidas, independentemente de serem ou não considerados imputáveis, são diferentes e deveriam consequentemente receber do estado um tratamento condizente com suas diferenças.

Assim, diante de todo o exposto, conclui-se pela inimputabilidade daqueles que revelam comportamento psicopático e sociopático e cometem homicídios seriados diante de sua necessidade de atenção especial, devido à elevada probabilidade de reincidência criminal, sendo ainda necessário sensibilizar os órgãos governamentais a construir estabelecimentos apropriados para a custódia destes sujeitos.

9.BIBLIOGRAFIA

- ADJOROLO, S., CHAN, H. C. The controversy of defining serial murder: Revisited. *Aggression and Violent Behavior*, 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5. 5.ed., 2013.
- ARAUJO, A.; NETO, F. A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais - o DSM-5,2014
- ARLUKE, A., MADFIS, E. Animal Abuse as a Warning Sign of School Massacres: A Critique and Refinement.*Homicide Studies*.2014.
- BOURGOIN, S. L'ogre de Santa Cruz. Paris: Grasset, 1998.
- BOURGOIN, S. Serial killers: enquête sur les tueurs en série. Paris: Grasset ,1993
- BOUCHARD, T.J. Jr. ; LYKKEN, D.T ; MCGUE, M., SEGAL, N.L. and TELLEGEN, A."Sources of human psychological differences: The Minnesota Study of Twins Reared Apart, 1990.
- BROOKMAN, F. Understanding homicide. London: Sage.2005.
- CASTELAUX, N. Ted Bundy : L'ange de la décomposition. Coll. "Camion Noir". Rosières-en-Hay: Camion Blanc, 2014.
- CASTRO, M. A culpabilidade no Direito Penal brasileiro,2013.
- CHENEY,M. Why: The Serial Killer in America, Lincoln,2009.
- DEFRONZO, J.; DITTA, A.; HANNON, L. ;PRONCHOW, J. Male Serial Homicide: The Influence of Cultural and Structural Variables. *Homicide Studies*2007
- DIETZ, P. E. Mass, serial and sensational homicides. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*,1986.
- DOUGLAS, J. E.; Burgess, A.W.; ALLEN,G.; RESSLER, R. K. (2006). *Crime classification manual : a standard system for investigating and classifying violent crime* (2nd ed.). San Francisco,2006.
- FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. Serial murder: Multi-disciplinary perspectives for investigators. Washington, DC: Behavioral Analysis Unit, National Center for the Analysis of Violent Crime, U.S. Department of Justice,2014.
- FOX, J. A. ; LEVIN, J. Multiple homicide: Patterns of serial and mass murder. *Crime and Justice*,1998.
- GRESSWELL, D. M. ; HOLLIN, C. R. Multiple murder: A review. *British Journal of Criminology*, 1994.
- HAGGERTY, K. D. (2009). *Modern serial killers. Crime, Media, Culture*,2009.
- HAZELWOOD, R. R.; DIETZ, P. E.; WARREN, J. *The Criminal Sexual Sadist*. FBI,1992.
- HICKEY, E. W. *Serial Murderers and Their Victims*. Cengage Learning, 2015.
- HOLMES, R. M.; DE BURGUER J. *SERIAL MURDER*. Newbury park ; Beverly Hills ; London ; New Delhi: Sage.(1988)
- HOLMES, R. M.; HOLMES, S. T. *Murder in America*. Thousand Oaks (Calif.): Sage,1994.
- LARSEN, R.W. Bundy: The Deliberate Stranger. New Jersey: Prentice Hall,1987.

- MARANHÃO, Odon Ramos. *Psicologia do crime*. 2. ed. São Paulo: Malheiros, 1995.
- MELOY, J. R.; FELHOUS, A. R. Introduction to this issue: serial and mass homicide. *Behavioral Sciences & the Law*, 2004.
- MORTON, R. J. (Ed.). *Serial murder: Multi-disciplinary perspectives for investigators*. Behavioral Analysis Unit-2, National Center for the Analysis of Violent Crime; Critical Incident Response Group/Federal Bureau of Investigation, 2005.
- NEWTON, M. *A enciclopédia de Serial Killers*.ed.Madras,2000.
- PALONE, N. J. ;HENNESSY J. J. *Brain dysfunction and criminal violence*,1988
- PRENKY, R. A. ;BURGUESS, A. W. ;ROKOUS, F. ;LEE, A., HARTMAN, C. ;RESSLER, R. ; DOUGLAS, J. *The presumptive role of fantasy in serial sexual homicide*. *American Journal of Psychiatry*,1989.
- RESSLER,K. R ; SCHACHTMAN,T. *Whoever Fights Monsters: My Twenty Years Tracking Serial Killers for the FBI*,2016
- RULE, A.. *The Stranger Beside Me*. New York : Pocket Books, 2009.
- SCHECHTER, H.(2013). *Serial Killers: Anatomia do Mal- Histórias reais, assassinos reais*. *Dark Side Crime Scene*,2013.
- SCHMID, D. *Natural born celebrities: serial killers in American culture*. Chicago: University of Chicago press,2005.
- SILVA, P. *Perturbações da personalidade e psicopatia: estudo numa população reclusa e ex-reclusa*. Univesidade de Lisboa,2015.
- SKRAPEC, C. A. *Phenomenology and Serial Murder Asking Different Questions*. *Homicide Studies*,2001.
- TAYLOR, S. ; LAMBETH, D. ;GREEN, G. ; BONE, R., ;CAHILLANE, M. A. *Cluster Analysis Examination of Serial Killer Profiling Categories: A Bottom-Up Approach: Analysis of serial killer profiling*. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*,2012.
- VRONSKY, P. *Serial killers : The method & madness of monsters*. New York : Trade Edition, 2005.
- VRONSKY ,P. *Sons of Cain:A History of Serial Killers from the Stone Age to present*,2018
- WARF, B. ; WADELL, C. *Heinous spaces, perfidious places: The sinister landscapes of serial killers*. *Social & Cultural Geography*,2002.
- WEST ,D. *Sacrifice unto Me* .Pyramid,1974.
- WILSON, D. ;TOLPUTT, H. ; HOWE, N. ; Kemp, D. (2010). *When serial killers go unseen: The case of Trevor Joseph Hardy*.*Crime, Media, Culture*.2010.

LINKS DA INTERNET

DEFINIÇÃO DE SERIAL KILLER DO FBI E SIMPLÓRIA. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2013/07/1318979-definicao-de-serial-killer-do-fbi-e-simploria-diz-especialista.-definicao-de-serial-killer-do-fbi-e-simploria-diz-especialista.shtml> . Acesso em: 12 de janeiro de 2019

JACK, O ESTRIPADOR. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jack,_o_Estripador. Acesso em :12 de janeiro de 2019.

O PERFIL CRIMINAL DOS SERIAL KILLERS. Disponível em:

<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAA8LQAG/perfil-criminal-dos-serial-killers?part=2>. Acesso em: 13 de janeiro de 2019.

SERIAL KILLER:ELDERLY VICTIMS OF SERIAL KILLERS. Disponível em:

<https://ijcst.journals.yorku.ca/index.php/ijcst/article/viewFile/40237/36346>. Acesso em :20 de janeiro de 2019

A SURPRISING TRUTH ABOUT SERIAL KILLINGS. Disponível em:

<http://edition.cnn.com/2014/10/24/opinion/fox-levin-serial-killers/index.html>. Acesso em :12 de fevereiro de 2019

POR QUE OS ANOS 1980 FICARAM MARCADOS COMO A DÉCADA DOS SERIAL KILLERS NOS EUA. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/08/por-que-os-anos-1980-ficaram-marcados-como-a-decada-dos-serial-killers-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2019.

DECRETO-LEI Nº 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 1 de março de 2019.

SERIAL KILLERS: INIMPUTÁVEIS OU SEMI-IMPUTÁVEIS A LUZ DO ARTIGO 26 DO CÓDIGO PENAL? Disponível em: <http://repositorio.ascs.edu.br/handle/123456789/260>. Acesso em: 20 de março de 2019.